



A LINGUAGEM FORA DO CORPO NO FIGURINO DO FILME “DOLLS”

THE LANGUAGE OUTSIDE OF THE BODY IN THE COSTUME DESIGN IN THE MOVIE “DOLLS”

LUCIA APARECIDA FELISBERTO SANTIAGO
Universidade Federal de Minas Gerais
luciasantiago@uol.com.br
lfsantiago@gmail.com

RESUMO

Neste estudo abaixo investigaremos de que maneira a roupa pode ser tratada como uma linguagem, mais especificamente, como uma linguagem fora do corpo. Para isso recorreremos aos textos “Imagem e moda” de Roland Barthes (2005) e “A invenção psicótica”, de Jacques-Alain Miller (2003). Através dos mesmos, tentaremos compreender como a roupa pode vir a se constituir como essa linguagem fora do corpo. Para exemplificar a situação em que uma forma de linguagem pode localizar-se fora do corpo, recorreremos ao figurino usado por dois personagens do filme “Dolls”, do diretor japonês Takeshi Kitano.

Palavras-chaves: Corpo; Dolls; linguagem; órgão; roupas.

ABSTRACT

In the following study we will investigate how clothing can be treat as a language, more specifically, as a language outside of the body. For this picture we will draw on text ‘Images and fashion’, by Roland Barthes and ‘The invention psychotic’, by Jacques-Alain Miller. Then through them try to understand how clothing can prove to be this language outside of the body. To exemplify a way that language can be located outside the body, turn to costumes worn by two characters in the movie ‘Dolls’, Japanese director Takeshi Kitano.

Keywords: Body; Dolls; clothing; language; organ.

■

Quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente (STALLYBRASS, 1999).

A linguagem é essencialmente o que permite fazer uma narrativa e, ao mesmo tempo, uma promessa. A linguagem é essencialmente o que lê o tempo. Além disso, a linguagem restitui o tempo a si mesmo, pois ela é escrita e, como tal, vai se manter no tempo e manter o que diz no tempo (MACHADO, 2005).

O corpo do homem é a sede de um fenômeno que escapa a seu controle (MILLER, 2003).

Sabemos que os estudos sobre as roupas podem ser conduzidos por vários caminhos: psicológico, sociológico, artístico, ritualístico, econômico, tecnológico, histórico, etnológico e linguístico. Para o estruturalista francês Roland Barthes, esses estudos devem considerar as roupas “como objeto do parecer” (BARTHES, 2005, p. 282). Dessa forma, esse objeto “favorece a curiosidade moderna que temos de psicologia social, convida a transpor os limites superados entre indivíduos e sociedade [...]” (BARTHES, 2005, p. 282).

As diferentes maneiras pelas quais os homens se vestem funcionam como se fossem uma espécie de linguagem, da qual ele se utiliza para se comunicar. A necessidade de se comunicar pode ser individual ou coletiva. Assim como nas línguas escritas e faladas, na linguagem das roupas encontramos mudanças, novos estilos, ideias, palavras, modos de usar, referências ao tempo, ao espaço etc.

Segundo Lurie “se a maneira de vestir é um idioma, deve ter vocabulário e uma gramática como qualquer outro” (LURIE, 1997, p.19). E esse vocabulário é formado por “cabelos, acessórios, jóias, maquiagem e decoração do corpo” (LURIE, 1997, p.20), e também pelas roupas que as pessoas usam. Nesse vocabulário, encontramos palavras arcaicas, estrangeiras, vulgares e gírias, adjetivos e advérbios, o discurso excêntrico e o convencional, podendo ainda modificar-se quanto ao tom e aos seus significados.

As palavras usadas pela linguagem das roupas não necessariamente possuem o mesmo

significado que as verbalizadas ou escritas, mas, mesmo assim, é inegável que os objetos que o homem põe sobre o seu corpo acabam se constituindo num “sistema não-verbal de comunicação” (LURIE, 1997, p.19). De acordo com os estudos de Barthes, essa linguagem nos convida a uma análise semiológica.

A roupa como objeto que emerge de uma cultura real e que está impregnada de sentidos:

[...] por um lado, a moda tenta estabelecer uma correspondência entre o vestuário descrito e usos, características, estações e funções. Nesse caso, a arbitrariedade da moda é evitada, mascarada sob esse léxico racionalista, naturalista. Esconde-se por trás de álibis sociais ou psicológicos. Por outro lado, há outra visão da moda, que consiste em renunciar a esse sistema de equivalência e em edificar uma função propriamente abstrata e poética. É uma moda ociosa, luxuosa, mas que tem o mérito de se declarar como forma pura. Nesse sentido, aproxima-se da literatura (BARTHES, 205,p.379).

A partir dos estudos de Saussure sobre a linguagem, Barthes nos mostra que ela, tanto quanto a indumentária, é constituída historicamente e surge de todo um conjunto de atos e relações sociais, sendo simultaneamente estruturada tanto individual quanto coletivamente:

[...] linguagem e indumentária são, a cada momento da história, estruturas completas, constituídas organicamente por uma rede funcional de normas e formas; a transformação ou o deslocamento de um elemento pode modificar o conjunto, produzir uma nova estrutura: estamos sempre diante de equilíbrios em movimento, instituições em devir (BARTHES, 2005, p.267).

Ainda conforme Barthes, Trubetskoy foi o primeiro a aplicar ao vestuário a distinção feita por Saussure entre língua e fala, o que veio a permitir que a pesquisa sobre a indumentária se amparasse em fatos que, antes disso, poderiam parecer ambíguos:

[...] assim como a língua, a indumentária seria um sistema institucional, abstrato, definido por funções, do qual o usuário individual extrairia seu traje, atualizando a cada vez uma virtualidade normativa. Trubetskoy citava como fato de traje (ou seja, de “fala”) as dimensões individuais de um vestuário, seu grau de desgaste e de sujeira, e como fato de indumentária (ou seja, de “língua”) a diferença, ainda que ínfima, entre o vestuário das solteiras e das casadas em determinadas sociedades (BARTHES, 2005, p. 293).

O FIGURINO COMO LINGUAGEM FORA DO CORPO

A seguir, tentaremos através do figurino do filme “Dolls”, especificamente das roupas que compõem a caracterização dos personagens Matsumoto e Sawako, compreender como o uso destas roupas se transforma em uma linguagem fora do corpo. E como a corda, como órgão, contribui para o estabelecimento de uma nova maneira de comunicação entre o casal e o mundo.

“Dolls”, o filme do diretor japonês Takeshi Kitano aqui tomado como objeto de discussão, tem inspiração no tradicional teatro japonês de grandes bonecos, o *Bunraku*. O filme é composto por três histórias: a de um *gangster*, tentando recuperar um amor que abandonou na juventude; a de um guarda de trânsito, que é um fã apaixonado por uma cantora *pop* que sofre um acidente de carro e perde a visão, motivo pelo qual encerra a carreira, e a de dois jovens, ex-namorados. Todas as histórias giram em torno dos sentimentos de perda, escolha, ambição, loucura, dor e amor, aparentemente sem nexos entre si. No decorrer do filme elas se entrelaçam através do caminhar dos dois jovens, os ex-namorados, que circulam pela cidade, amarrados por uma corda de cor vermelha. A história que nos interessa é a desses jovens, Matsumoto e Sawako, que através dessa corda ligam-se um ao outro, vivendo acontecimentos comoventes.

O jovem e ambicioso Matsumoto aceita um casamento de conveniência com a filha do seu chefe. Ao ser abandonada pelo namorado, Sawako tenta o suicídio, mas não conseguiu dar fim à sua vida e entra em estado de loucura. No dia do seu casamento, Matsumoto toma conhecimento da situação na qual a ex-namorada estava vivendo e abandona a noiva na cerimônia de casamento. O rapaz percebe, ao encontrar com Sawako, que ela está vivendo completamente desligada da realidade. O que o faz se sentir culpado e o leva a

viver com Sawako em uma longa caminhada pela cidade. Um ir e vir sem lugar de chegada.

Depois da tentativa, malograda, de pôr um fim à sua existência, Sawako tornou-se uma pessoa perdida num espaço do qual não mais se dá conta, transformada numa pessoa dependente, de olhar triste e distante, um ser quase ausente, que parece estar fora do seu corpo físico, ao mesmo tempo em que não está fora dele.

Miller, no texto que serve de base para esta reflexão, “A invenção psicótica”, afirma que

[...] esta posição de estar fora permanecendo ligado é o que Lacan chama de ex-sistência, ou seja, estar colocado, “sistir” em algum lugar fora de alguma coisa, portanto em relação, em referência a esse fora, em referência ao termo em relação ao qual ele é ex. *Ex-sistere*, é ser colocado fora de, ex alguma coisa (MILLER, 2003. p. 08).

Aplicando esse pensamento à análise do filme “Dolls”, deduzimos que Sawako está no mundo real,



FIGURA 1 Os bonecos do teatro japonês Bunraku. Fonte: Site Artificial Eye¹

1 Disponível em: < <http://www.artificial-eye.com>>. Acesso em: 19 fev. 2006.

no mundo em que Matsumoto é capaz de se mover fisicamente, mas os seus sentidos, porém, estão fora dessa realidade. Seu corpo continua ligado ao mundo através de Matsumoto e da corda vermelha que os mantém atados, agora transformada, se for possível compreender essa situação através da proposição lacaniana, num órgão que a faz “sistir”. “Há um corpo, mas há alguma coisa, uma certa zona, que se estende em torno do corpo e que é contíguaa ele” (MILLER, 2003. p. 08). Sawako está fora e, ao mesmo tempo, dentro de algum lugar através da corda ligada ao jovem Matsumoto.

Esse lugar é também o lugar da ausência da fala, da palavra, da comunicação, como estamos acostumados. A jovem Sawako, aparentemente, não tem mais a posse da linguagem habitual, embora outra forma de linguagem esteja sendo falada entre eles. E isso pode fazer algum sentido para o espectador. Para Merleau-Ponty (1971), “a posse da linguagem é primeiramente compreendida como a simples existência efetiva de “imagens verbais”” (p. 185). Estas imagens são consideradas pelo autor como traços, registro das palavras pronunciadas ou ouvidas, mesmo que não tenhamos um sujeito falante.

Algumas cenas indicam que a fala dos dois personagens “se localiza num circuito de fenômenos na terceira pessoa, não há ninguém que fale, há um fluxo de palavras que se produzem sem que nenhuma intenção de falar as governe” (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 185).

Sawako e Matsumoto caminham o tempo todo sem rumo. Não trocam uma palavra sequer entre si. Seus corpos estão envolvidos um no do outro por uma longa corda vermelha que arrastam o tempo todo pelo chão. Também representa a fonte de comunicação entre eles, ela é por assim dizer um órgão fora do corpo:

[...] o corpo do ser falante é assombrado por um problema de fora do corpo. É preciso que esse termo seja bem entendido. Isso não

quer dizer que ele se põe a passear no espaço infinito. O órgão fora do corpo qualifica alguma coisa que escapa, mas permanece ligado. Certamente por isso é possível qualificá-lo como fora do corpo, e não fora de outra coisa em relação à qual ele estaria longe (MILLER, 2003, p. 08).

O que escapa a Sawako são as palavras. A jovem ainda possui todas as palavras apreendidas, mas não sabe mais usá-las. Para Merleau-Ponty, “o que o doente perdeu, o que o normal possui, não é um certo estoque de palavras, é uma certa maneira de usá-las” (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 185). As palavras estão no seu corpo ao mesmo tempo em que não estão. A corda agora é a palavra, é o órgão fora do corpo, que escapa, ao mesmo tempo em que permanece ligado a ele, o corpo.

É a corda, como acessório permanente de todas as roupas dos jovens, que funciona como uma espécie de elemento que assegura que o corpo de Sawako se reintegre ao mundo. A ausência da fala desses dois personagens no filme é substituída por seus figurinos. Sawako e Matsumoto vestem-se com roupas de cores fortes, que trocam de acordo com as estações do ano:



FIGURA 2 Matsumoto e Sawako vagam pela cidade. Fonte: Site Artificial Eye.

[...] a reintegração no corpo do órgão fora do corpo talvez seja o que os anéis, a faixa na testa do esquizofrênico asseguram, ou seja, outros meios simbólicos de reunificar o corpo e sustentá-lo, e ali, de fato, sem estar em um discurso estabelecido (MILLER, 2003. p. 08).

As cenas finais de “*Dolls*”, quando os dois seres perambulantes vestem os figurinos do *Bunraku* e vagueiam pelas montanhas cobertas de gelo, produzem forte emoção no espectador. A caminhada do casal pela neve é misturada a imagens de uma apresentação do antigo teatro de bonecos do Japão. As “imagens verbais” (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 185.) apresentadas não nos parecem violentas, embora não seja essa a opinião do diretor:

Na opinião do diretor Takeshi Kitano, este é o seu filme mais violento. Kitano não está errado. Um livre arbítrio enviesado, um destino ardiloso e o andar inabalável do tempo, entre outros elementos, fazem com que as personagens de *Dolls* sejam títeres de carne, osso e alma. Elas vivem trajetórias de brinquedos, suscetíveis a caprichos aos quais não podem alterar ou explicar racionalmente. São quase mortos em vida. O cordão vermelho atado entre Sawako e Matsumoto e os sinalizadores fosforescentes que Nukui manipula quando trabalha no tráfego de uma metrópole, acenam para a tragédia à espreita. Por isso, os tiros de Brother, outro filme do mesmo diretor japonês, não dilaceram tanto quanto o que perpassa as vivências de Sawako, Hiro, Nukui, Matsumoto e Harumi.²

Considerado pela crítica cinematográfica como uma obra extremamente poética, com uma história que atravessa as estações do ano, o fim trágico dos dois personagens, o desenlace da corda que os mantém vivos e em comunicação, coincide

com a queda das flores das cerejeiras. Um cenário, certamente, dilacerante.



FIGURA 3 Sawako e Matsumoto como títeres.
Fonte: Site Artificial Eye.

2

GIOIA, Mário. **O desencanto trágico de Dolls**. Disponível em: <http://super.abril.com.br/aberta/colunas/index_cinema_04_07_03.html#>. Acesso em: 19 fev. 2006.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece-nos bastante plausível que a roupa seja, de fato, um sistema de linguagem capaz de comunicar diversos significados a partir do desejo do indivíduo que a usa. Transformando-se, assim, em um “sistema não-verbal de comunicação” conforme afirma Lurie (1997).

Certamente este sistema será atualizado de acordo com a moda vigente e a partir das escolhas do indivíduo diante das inúmeras novidades apresentadas. Seguindo o pensamento de Barthes (2005) o sistema sofre transformações e deslocamentos criando então novas estruturas.

Ao mesmo tempo esse sistema de linguagem pode estabelecer-se como um órgão fora do corpo, repleto de sentido e imagens verbais e não-verbais. A roupa carrega em si algo para além daquilo que representa, e que é possível perceber em um primeiro momento. Ela, a roupa, configura-se para muito além das aparências.

As novidades escolhidas pelo indivíduo podem estabelecer o que Miller (2003) denomina de “meios simbólicos de reunificar o corpo e sustentá-lo” ao mesmo tempo em que um novo discurso configura-se.

O corpo de Matsumoto ao se ligar ao corpo de Sawako na mesma medida em que cria uma nova possibilidade de comunicação da personagem, ele a conecta à realidade perdida. Vale ressaltar que esta realidade foi então transformada. E a reunificação do corpo da personagem acontece através da corda vermelha, como um meio simbólico, como órgão fora do corpo.

REFERÊNCIAS

- 1 BARTHES, Roland. Imagem e moda. **Inéditos**. vol. 3. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 380 p. (Coleção Roland Barthes).
- 2 **DOLLS**. Direção de Takeshi Kitano. Tokyo, 2002. DVD (115 min.), son. color.
- 3 LURIE, Alison. **A linguagem das roupas**. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 276 p.
- 4 MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- 5 MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Tradução de Reginaldo di Piero. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971. 465 p.
- 6 MILLER, Jacques-Alain. **A invenção psicótica**. Opção Lacaniana, São Paulo, n.36, p. 6-16, maio de 2003.
- 7 STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memórias, dor. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.